

FMI: a dívida externa impede o crescimento.

No esforço para pagar sua dívida externa, os países em desenvolvimento sofrem uma forte desaceleração nas suas economias. E não podem mais prescindir de investimentos. Esta é uma constatação do Fundo Monetário Internacional (FMI), trazida por uma equipe de oito representantes que participa da 25ª Reunião de Governadores de Bancos Centrais do Continente Americano, no Rio.

Ainda segundo o FMI, o Brasil é um dos países que mais transferência de recursos vem fazendo, ao sair de um déficit de US\$ 16 bilhões (Cz\$ 2,2 trilhões) no saldo da co. a corrente de 1982/83, para um superávit de US\$ 1 bilhão (Cz\$ 141 bilhões) em 1987.

A transferência de dinheiro preocupa os técnicos, pois no período de 1986 a 1987 os devedores pagaram aos credores, em conta corrente de obrigações creditícias, mais de US\$ 91 bilhões (Cz\$ 12,8 trilhões), saindo de uma posição deficitária de US\$ 86,9 bilhões (Cz\$ 12,2 trilhões), para um superávit de US\$ 4,4 bilhões (Cz\$ 620 bilhões).

O principal objetivo da 25ª Reunião de Governadores é discutir modelos econômicos que melhor se ajustem às necessidades de recuperação dos países em desenvolvimento, na região. Segundo dados do FMI, até 1986 o crescimento econômico nos países industrializados atingiu a média de 3%, enquanto para 88 a previsão é de 2,7% e para 89, 2,9% — uma tendência não seguida pela quase totalidade dos endividados.

O Brasil vem procurando impor um programa de ajustamento da sua economia à questão da dívida externa. E, para a equipe do BC que participa do encontro do Rio, o processo de conciliar o ajuste financeiro com o crescimento econômico passa por três formas distintas. Primeira: a abordagem tradicional do FMI, em que seus programas são consistentes com o crescimento. Segunda: a retórica dos países industrializados — a conciliação depende de medidas que aumentem a oferta de bens e serviços. E terceira: tudo depende do prazo para a implantação do ajustamento e de recursos suficientes. **MAI 1988**